
Manchetes feministas sobre o ensino superior irlandês: valores-notícia e questões de gênero no jornalismo impresso¹

Elza Aparecida de OLIVEIRA FILHA²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PR

Lennita Oliveira RUGGI³

Universidade Federal do Paraná, PR / National University of Ireland, Galway

Resumo

Este artigo investiga os critérios de noticiabilidade mobilizados pelos dois maiores jornais irlandeses na cobertura de um caso de ativismo feminista universitário. Com base em uma amostra de 80 notícias publicadas no The Irish Times e no Irish Independent, entre 2014 e abril de 2018, a análise indaga como a imprensa participou da criação de uma ‘heroína feminista’ e que valores-notícias sustentaram a cobertura jornalística sobre inequidade acadêmica ao longo de cinco anos, propondo reflexões sobre a presença de pautas feministas na mídia impressa e seu potencial na disseminação de imaginários coletivos contestadores.

Palavras-chave

Valores-notícia; Critérios de noticiabilidade; Gênero e Jornalismo.

Introdução

Um conjunto significativo de pesquisas empíricas demonstra que a reprodução do sexismo e de estereótipos de gênero são generalizados na mídia. Esta tendência é identificada em diferentes contextos nacionais que evidenciam repetidamente o papel marginal concedido a pautas feministas⁴. Quando mencionado, o movimento feminista é com frequência enquadrado de modo desfavorável, a ponto de Angela McRobbie (2009) ter cunhado o termo pós-feminismo para descrever os repertórios em circulação nas mídias contemporâneas. Pós-feminismo é recurso discursivo por meio do qual o feminismo é simultaneamente invocado, julgado e difamado: o reconhecimento de sua existência é circunscrito por um movimento que o relega ao passado, dessa maneira deslegitimando seu potencial político contemporâneo (apud Dean, 2009:391).

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos (2006), mestre em Sociologia pela UFPR (2002), professora do curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, ex-coordenadora do GT Jornalismo Impresso da Intercom (2009 a 2012), e-mail: elzaap@hotmail.com

³ Doutoranda do Centre for Global Women's Studies da National University of Ireland, Galway e professora de sociologia da educação na Universidade Federal do Paraná, e-mail: lennitaruggi@hotmail.com

⁴ São exemplares os trabalhos de Rita Terezinha Schmidt (2006) e Eliane Goncalves (2011) sobre o Brasil, Agaredech Jemaneh (2013) sobre a Etiópia e Mateo del Cabo et al. (2018) sobre a Espanha.

Dispositivo semelhante ao identificado por McRobbie é constatado por Mendes (2012) em jornais estadunidenses e britânicos. Analisando reportagens de 2008, ela sustenta que “a sensibilidade corrente é de que as mulheres (ocidentais) estão atualmente em situação de igualdade, e qualquer pessoa que argumente o contrário é individualmente responsável por seu próprio fracasso (...) Consequentemente, não apenas suas queixas são repudiadas como elas próprias são rotuladas como fora de moda e ultrapassadas” (Mendes, 2012:565⁵). Na melhor das hipóteses, os jornais constroem o feminismo como preferência pessoal, questão de gosto ou opção, esvaziado de crítica pública.

Contrapondo-se a esse esvaziamento, McRobbie (2009) defende que imaginários radicais como os oferecidos pelos feminismos são imprescindíveis, pois permitem interpretar a subordinação/exploração como processos coletivos, desafiando registros individualizados⁶. A circulação e a preservação de narrativas sobre momentos de transformação são, portanto, preciosas para projetos políticos contestadores. Tais narrativas atravessam o fazer jornalístico.

Partindo do princípio de que os produtos noticiosos são afetados e, ao mesmo tempo, afetam a realidade (Traquina, 2004), nossa intenção nesse artigo é investigar os valores-notícias mobilizados em um caso específico de ativismo feminista na República da Irlanda. Inspiradas por Jonathan Dean (2010:392) quando indaga “sob quais condições o feminismo pode ser afirmado e tornado inteligível nos discursos públicos hegemônicos”, examinaremos situação na qual reivindicações feministas não apenas alcançaram as manchetes como alteraram o regime de gênero no ensino superior irlandês.

O estopim para a publicização da desigualdade entre homens e mulheres nas universidades irlandesas foi um veredito judicial de 2014 do Tribunal da Igualdade⁷ contra a National University of Ireland Galway (NUIG)⁸. A professora Micheline Sheehy Skeffington foi preterida pela quinta vez para progressão de carreira em 2008-9, em seleção na qual 16 homens e apenas uma mulher tiveram sucesso. Comprovando

⁵ Tradução das autoras nesta e em todas as citações subsequentes com publicação original em inglês.

⁶ “Esses imaginários são um recurso, uma fonte de esperança, um espaço que oferece vocabulários, conceitos, histórias, narrativas e experiências capazes de iluminar a conjuntura ou a sujeição e ajudar a encontrar maneiras de enfrentar tais circunstâncias” (McRobbie, 2009:49).

⁷ Tribunal da Igualdade (Equality Tribunal): fórum estatal ‘quase-jurídico’ que operou na Irlanda entre 1998 e 2005 decidindo casos de discriminação sob legislação específica (conhecida como Employment Equality Acts); substituído pela Comissão das Relações Profissionais (Workplace Relations Commission).

⁸ NUIG é uma universidade pública com 2.500 profissionais e mais de 18 mil estudantes.

discriminação de gênero no processo avaliativo, o tribunal sentenciou a universidade a promovê-la retroativamente, com devida correção salarial, e pagar uma indenização.

Ancorada no ativismo e na reputação de uma avó sufragista, Micheline Sheehy Skeffington se converteu em personalidade pública. Seu caso e sua pessoa se tornaram pontos de referência para fundar e fundamentar debates. É nossa intenção indagar como a imprensa participou da criação de uma ‘heroína feminista’ e que valores-notícias sustentaram a cobertura jornalística sobre inequidade acadêmica ao longo de cinco anos.

A mobilização galvanizada pelo caso resultou na alteração das estruturas universitárias e das políticas estatais. NUIG criou a primeira Vice-Reitoria da Igualdade e Diversidade do país e organizou um plano institucional para enfrentar a desigualdade de gênero⁹. O episódio também ecoou nacionalmente e a Higher Education Authority, órgão responsável pelas sete universidades irlandesas, replicou a iniciativa e comparou a situação do país com o restante da União Europeia, confirmando que a desigualdade nas universidades é estrutural, disseminada em todo o continente e especialmente acentuada na Irlanda¹⁰; dando ensejo à políticas específicas de *gender mainstreaming*¹¹.

Uma vez estabelecidas, as ações institucionais têm como efeito colateral ocultar os conflitos e polêmicas entre propostas alternativas e encobrem as próprias ‘batalhas por significado’ que tornaram *o caso* possível. Nos interessa indagar, retroativamente, como se consolidou o reconhecimento da sentença de Sheehy Skeffington como mais do que um episódio privado ou individual: como ela se converteu em recurso para interpretar a realidade e imaginar formas de enfrentamento da desigualdade.

Para investigar como este aprofundamento da percepção pública foi possível, mapearemos os valores-notícia envolvidos nas matérias publicadas nos dois jornais diários de maior circulação no país: o *The Irish Times* e o *Irish Independent*¹². Utilizando

⁹ Ações propostas incluem cotas de gênero para promoções; garantia de licença maternidade ou paternidade com reposição de pessoal; financiamento específico para incentivar pesquisa entre docentes que retornam de afastamento; obrigatoriedade de realização de reuniões durante o horário comercial; treinamento sobre preconceito inconsciente para pessoas em cargos de chefia; transparência na distribuição de encargos didáticos e mínimo de 50% de representação feminina em todas as comissões e comitês (NUIG 2016).

¹⁰ Mulheres representam a maioria da população estudantil universitária (53%), são a metade do total de docentes no baixo escalão (50%), mas têm sua progressão impedida por obstáculos institucionais a ponto de totalizarem 35% do próximo nível (*Senior Lecturer*), 27% do seguinte (*Associate Professor*) e apenas 19% do topo da carreira universitária (*Professor*) (HEA, 2016).

¹¹ A partir de uma consulta pública, a HEA elaborou metas, impôs o monitoramento anual dos progressos e subordinou financiamentos para pesquisa à promoção da igualdade de gênero.

¹² Na sequência nominadas como *Independent* e *Times*. *Irish Independent* tem tiragem diária de 90 mil exemplares e *The Irish Times* de 62 mil (Audit Bureau of Circulations apud Wikipedia, 2012).

as palavras-chave ‘Micheline Sheehy Skeffington’ nos mecanismos de busca da internet de ambos, coletamos 80 publicações: 59 do Times e 21 do Independent¹³.

O Irish Independent foi fundado em 1891, mas adquiriu sucesso comercial e superou a tiragem de outros jornais a partir de uma reforma editorial realizada em 1905, consolidando-se como publicação popular, nacionalista, católica e não-partidária. Aoife Uí Fhaoláin (2014) argumenta que o Independent manteve uma identidade híbrida, simultaneamente criticando o colonialismo e sustentando ligações com o Império Britânico. Desde o princípio, diversas mulheres ocuparam posições proeminentes na hierarquia da Liga Gaélica, dentre elas a avó de Micheline, Hanna Sheehy-Skeffington. “O papel central das mulheres irlandesas no domicílio foi enfatizado repetidamente no Irish Independent, que também publicava uma página feminina” (Uí Fhaoláin, 2014:67).

O lugar proeminente ocupado pelo Independent foi perdido em meados da década de 1960 para o The Irish Times. Fundado em 1859 como periódico nacionalista protestante, o Times se consolidou como o jornal de maior qualidade da Irlanda numa ‘reinvenção radical’ durante a qual “ele tanto se beneficiou quanto em larga medida conduziu a guinada progressista na sociedade irlandesa” (Markey, 2014:59). Atraindo grupos mais afluentes, crescentes fatias publicitárias, se tornou fórum para uma classe média secular e liberal “que ansiava pela oportunidade de reexaminar e remodelar os parâmetros ideológicos da sociedade irlandesa, mas de uma maneira que estava claramente sedenta por debate intelectual” (idem:61). Questionando as narrativas hegemônicas desde a independência, alcançada em 1921, o Times apoiou movimentos sociais transformadores, notadamente o movimento de mulheres. De fato, Anne O’Brien mapeia como um grupo de feministas passou a ocupar as editorias femininas do Times e de outros jornais nacionais no final da década de 1960.

Pela primeira vez na mídia impressa irlandesa mulheres jornalistas passaram a cobrir temas controversos como mães solteiras, esposas abandonadas, igualdade salarial e contracepção, desde um ponto de vista explicitamente feminista. Previsivelmente, cartas com reclamações inundaram as redações ao longo da década. Apesar disso, o trabalho dessas jornalistas significou que as mulheres irlandesas tiveram acesso a um fórum e a um vocabulário com o qual iniciar debates a respeito da natureza e extensão de sua opressão na sociedade irlandesa” (O’Brien, 2017:42).

¹³ A amostra inclui 14 notícias de 2014, 31 de 2015, 24 de 2016, 4 de 2017 e 6 até abril de 2018. São assinadas por mulheres 51 notícias (63%), por homens, 18 (22%) e 11 (13%) não indicam autoria.

Apesar de não terem alterado as estruturas de poder dentro das instituições jornalísticas, as pioneiras da década de 60 e 70 constituíram táticas para campanhas midiáticas e usaram “suas próprias histórias e as de outras mulheres não como um fim em si mesmas, mas como um mecanismo para conectar problemas sociais a um sistema social explicitamente generificado que necessitava de mudança” (O’Brien, 2017:51). Este legado feminista parece ter pautado também as reportagens contemporâneas analisadas nesta investigação.

Valores-notícias e gênero

Entender as opções por determinadas matérias, enfoques ou abordagens implica discutir critérios de noticiabilidade e apontar quais fatores foram decisivos para a definição do conteúdo editorial. Aceita-se o conceito de noticiabilidade como “um conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, de possuir valor como notícia” (Traquina, 2002:173). Ou, de acordo com Mauro Wolf (1995:170), “noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias”. Os critérios de noticiabilidade, por consequência, englobam condicionantes de várias ordens que determinam se um acontecimento deve ocupar espaço na mídia noticiosa¹⁴.

Para Jorge Pedro de Sousa, os acontecimentos são ocorrências singulares, concretas, observáveis e delimitadas, no tempo e no espaço. Embora o real seja contínuo e todos os fenômenos estejam interligados, o jornalismo “manipula” as ocorrências para torná-las comunicáveis¹⁵. Notícia e acontecimento estão interligados, embora boa parte dos acontecimentos esteja fora do alcance das notícias¹⁶. Como diz Nilson Lage

¹⁴ “Na selecção dos acontecimentos a transformar em notícias, os critérios de relevância funcionam conjuntamente, ‘em pacotes’: são as diferentes relações e combinações que se estabelecem entre os diferentes valores/notícia, que ‘recomendam’ a selecção de um fato” (Wolf, 1995:175).

¹⁵ “Determinados acontecimentos, idéias e temáticas são, de algum modo, os referentes dos discursos jornalísticos. Porém o ‘acontecimento’ ganha na competição, até porque o ritmo de trabalho jornalístico dificultaria que se desse uma ênfase semelhante às problemáticas e aos processos sociais invisíveis e de longa duração” (Sousa, 2002:21).

¹⁶ Com base no trabalho de variados autores, Sousa (2002) propõe uma classificação para os acontecimentos: os imprevistos (que seriam os “verdadeiros” acontecimentos como catástrofes naturais), os pseudo-acontecimentos (entrevistas coletivas, previstas com antecedência), acontecimentos midiáticos (planejados para se tornarem notícias como solenidades de aberturas de olimpíadas, assinaturas de tratados),

(2001:69): “É por isso que notícias não bastam como conhecimento e que se impõe outro gênero de perquirição para desvendar as relações entre os fatos (...). O que alguém pensa, ou aquilo em que o povo confia, não é notícia, salvo quando manifestado (tornado aparente) num discurso, numa eleição”. Wolf afirma que os valores-notícia, embora revelem uma forte homogeneidade no interior da cultura profissional, mudam ao longo do tempo, incorporando novos componentes¹⁷. A atualidade de uma ocorrência é um dado importante para que seja referenciada nos discursos jornalísticos. Viviane Borelli (2005:7) define o jornalismo como um dispositivo de produção de sentidos onde se constrói e se faz uma oferta da própria atualidade. Muitas vezes, a própria notícia, que é a transformação dos acontecimentos legitimando seu ingresso na história, torna-se capaz de desencadear novos acontecimentos (Sousa, 2002). Como se verá na sequência, foi a sentença favorável à Sheehy Skeffington, que levou outras cinco professoras a entrarem com ações judiciais contra a NUIG referentes ao mesmo processo de promoção.

Os valores-notícia operam, na prática, de maneira complementar e atuam ao longo do processo de produção jornalística, não apenas no momento da seleção das notícias, mas também nas operações posteriores e compreendem um conjunto de regras utilizadas para rotinizar a profissão. Para uma formulação mais completa do conceito de valor-notícia é preciso inseri-lo na compreensão vasta de notícia como uma construção social, como um produto cultural: “...podemos entender a mídia de notícias melhor se nós reconhecemos que o que ela produz – notícias – é uma forma de cultura. Isso é defender que notícia está relacionada com, mas não é mesma coisa do que, ideologia; está relacionada com, mas não a mesma coisa do que, informação; e é potencialmente, mas apenas indiretamente, uma força social” (Schudson, 1995:3).

Valores-notícia são generificados. O Projeto Global de Monitoramento de Mídia documenta, desde 2005, a reprodução de desigualdades de gênero no jornalismo. O mapeamento de 114 países em 2015 constatou uma vez mais que mulheres são o foco central de apenas 10% das histórias noticiosas. Apesar de somarem um quarto de todas as fontes citadas, mulheres são convocadas com mais frequência para fornecer uma opinião popular (41%) ou experiência pessoal (38%), ao passo que são citadas como

acontecimentos não categorizados (como uma guerra, com acontecimentos programados e imprevistos) e, finalmente, os não acontecimentos (construídos pelos meios jornalísticos a partir de fatos não sucedidos).

¹⁷ As transformações vivenciadas pela sociedade são as principais responsáveis por estas mudanças, sendo o caso investigado neste artigo é um exemplo claro. Agaredech Jemaneh (2013: 329) defende que os jornais têm de assegurar a igualdade de gênero, argumentando que “[m]ovimentos sociais de base [e] as próprias mulheres devem ser capazes de falar sobre seus pontos de vista”.

‘especialistas’ em apenas 17% das notícias. “Isso significa que as mulheres estão imensamente super-representadas nos grupos ocupacionais com menos status e sub-representadas em ocupações com alto nível social, como academia (23%), política (21%) ou negócios (14%)” (GMMP, 2015:1).

No presente texto, optamos por empregar as formulações da pesquisadora Gislene Silva (2005), que propõe o estabelecimento de conjuntos diferenciados de critérios de noticiabilidade – relativos à *origem dos fatos*, ao *tratamento dos fatos* e à *visão dos fatos* – que, evidentemente, atuam de forma concomitante. Na *origem dos fatos* está a seleção primária realizada pelos jornalistas com base nos valores-notícia reconhecidos profissionalmente e considerados como atributos próprios ou características típicas. O *tratamento dos fatos* inclui critérios centrados:

(...) na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infra-estrutura, tecnologia etc., como também fatores extra-organizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do/[a] repórter com fontes e público (Silva, 2005:2).

Finalmente um outro conjunto de critérios de noticiabilidade tem relação com a *visão dos fatos*: “a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade, que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores” (Silva, 2005:2). A proposta de separar os valores-notícia em três grandes eixos garante o entendimento de que as escolhas perduram ao longo de todo o processo de produção jornalística e têm influências múltiplas¹⁸. Para dar conta da intenção de estabelecer uma relação facilitadora do trabalho de análise dos acontecimentos noticiáveis pelo prisma da origem dos fatos, Silva identifica atributos que funcionam como macro-valores-notícia, ou requisitos prévios para qualquer seleção jornalística, na ausência dos quais nenhum outro atributo – que ela define como micro-valores-notícia – será levado em consideração.

¹⁸ “Mas não basta os seletores de notícias escolherem entre um acontecimento que será publicado e outro que ficará de fora (...). Entre os selecionados será necessário escolher novamente quais deles merecem estar nas chamadas dos telejornais ou quais ganharão as primeiras páginas dos impressos, ou mesmo quais ocuparão mais espaço nas páginas internas. A seleção, portanto, se estende redação a dentro, quando é preciso não apenas escolher, mas hierarquizar” (Silva, 2005:5).

Tabela 1

<i>Macro valores-notícia</i>		
Atualidade (novidade)	Importância/Interesse	Repercussão
Negatividade/positividade	Imprevisibilidade/ Previsibilidade	Coletividade/ Individualidade
<i>Micro valores-notícia</i>		
<i>Impacto</i> Nº de pessoas envolvidas Nº de pessoas afetadas Grandes quantia (dinheiro)	<i>Proeminência</i> Notoriedade / Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) <i>Sucesso / Herói</i>	<i>Proximidade</i> Geográfica Cultural
<i>Surpresa</i> Inesperado	<i>Polêmica</i> Controvérsia Escândalo	<i>Conflito</i> Guerra / Briga Rivalidade/ Disputa Greve / Reivindicação
<i>Tragédia / Drama</i> Catástrofe / Acidente / Crime Risco de morte e Morte Violência / Suspense / Emoção Interesse humano	<i>Governo / Justiça</i> Julgamentos / Denúncias Investigações / Apreensões Decisões judiciais / Crimes	<i>Governo</i> Interesse nacional Eleições Decisões e medidas Inaugurações/Viagens Pronunciamentos
<i>Raridade</i> Incomum Original Inusitado	<i>Entretenimento / Curiosidade</i> Aventura Divertimento Esporte Comemoração	<i>Conhecimento / Cultura</i> Descobertas / Invenções Pesquisas / Progresso Atividades / valores culturais Religião

Fonte: Silva, 2005 – Remontada pelas autoras

A primeira vez que os jornais nacionais irlandeses, objeto da presente pesquisa, noticiaram a existência da Dra. Sheehy Skeffington foi após a sentença do Tribunal da Igualdade. Publicadas em 18 de novembro de 2014, as matérias não apresentam seu nome nas manchetes, usando NUIG como o sujeito ativo da frase e enfatizam a quantidade de dinheiro envolvida: “NUIG deve pagar €70.000 para professora por discriminação de gênero” (Times); “Universidade de Galway obrigada a pagar €70 mil para professora e promovê-la” (Independent). Aqui localizamos pelo menos três valores-notícia: a *novidade/atualidade*; o *impacto*, pela alta soma de dinheiro; e a própria decisão judicial dentro do micro valor-notícia *governo*.

As duas publicações usam fotos de Sheehy Skeffington¹⁹, mas não há qualquer comentário atribuído a ela. Os textos, ambos de 32 linhas²⁰, são baseados na sentença e

¹⁹ Uma característica marcante dos jornais irlandeses é a repetição de imagens (há casos de fotos republicadas cinco e até dez vezes, como um retrato de Micheline que o Times mostra em uma dezena de diferentes matérias). Embora o espaço do presente artigo não nos permita ampliar o tema, vale ressaltar que as fotografias desta personagem muitas vezes geram uma leitura desfavorável, pois ela está séria (até carrancuda), com as roupas mal ajustadas e o cabelo desalinhado. Ao contrário, nas vezes em que os jornais publicam fotos dos reitores da NUIG, eles estão sempre impecáveis e sorridentes.

²⁰ As linhas do Times e do Independent têm, em média, 100 caracteres nas postagens dos arquivos digitais.

em um comunicado da NUIG informando que a decisão será acatada “sem reservas”. A mesma fonte universitária, de acordo com o Times, agradece a contribuição da professora e lamenta a angústia a que ela foi submetida. Os jornais resgatam informações sobre Sheehy Skeffington citando que ela trabalhava na NUIG desde 1990 e que tinha tentado o processo de promoção outras quatro vezes. O Independent lembra que a avó da personagem, Hanna Sheehy Skeffington, foi uma líder sufragista no início do século XX. Ambas as publicações mencionam dados estatísticos sobre a desigualdade de gênero na universidade, obtidos da sentença.

Duas semanas depois, no início de dezembro (dia 4 no Independent e dia 5 no Times), Sheehy Skeffington aparece novamente nos jornais, desta vez com nome reconhecido nos títulos. É quando ela decide doar a indenização recebida para que outras cinco professoras, negligenciadas no mesmo processo de promoção, também iniciem demandas judiciais contra a universidade. Neste momento, os jornais acionam os valores-notícia *herói/heroína*, iniciando a construção de uma personagem referencial, sempre relacionada a *sucesso*, e ainda os valores-notícia *imprevisibilidade* e *raridade*, pois é incomum que uma pessoa abra mão de recursos tão vultuosos em favor de uma causa²¹.

Os textos retomam a história da família e acrescentam que Sheehy Skeffington tomou a decisão de ir à justiça para ajudar outras mulheres, afirmando: “não fiz apenas por mim”. O fato de que as cinco professoras tenham decidido iniciar processo contra a NUIG após a sentença favorável à Sheehy Skeffington ter sido noticiada, corrobora o entendimento de que a mídia ajuda a moldar a realidade. Healey, outra professora envolvida, declara: “ficamos muito surpresas ao ler na sentença que havia discriminação contra as mulheres e contra as pessoas com responsabilidade de cuidados familiares que, neste caso, eram todas mulheres” (Independent 4/12/14). O Times (5/12/14) cita ‘as acadêmicas’ dizendo: “Foi ao ler a sentença do tribunal que todas nós percebemos que tínhamos sofrido discriminação”. As citações expressam a “descoberta” da desigualdade de gênero nas instituições de ensino superior irlandesas, que os jornais parecem compartilhar. Também indicam a transformação de um episódio individual em problematização coletiva, criando um repertório para contestação da desigualdade.

²¹ Nas duas publicações, as fontes são mais variadas se comparadas às primeiras matérias: Sheehy Skeffington; a professora Roising Healey (uma das cinco litigantes); o reitor da NUIG, Jim Browne; trechos da decisão judicial, bem como documentos da Higher Education Authority.

Com a ampliação do caso, envolvendo novas professoras, a imprensa passa a empregar o valor-notícia *conflito* (*reivindicação/disputa*) que vai se manter presente ao longo dos meses seguintes, enquanto a mídia acompanha os desdobramentos. Sempre presentes também estarão os valores-notícia *novidade*, pois a cada acontecimento nos âmbitos jurídico, educacional ou sindical, os jornais voltam a tratar do assunto e *proximidade*, uma vez que o destaque dado é proporcional ao *interesse* do público leitor²².

O reitor da NUIG, Jim Browne, iniciando uma estratégia empregada reiteradas vezes durante a cobertura, busca generalizar o problema da falta de equidade de gênero para as demais instituições de ensino superior. “O setor universitário como um todo tem baixo número de promoção de mulheres” (Times 5/12/14), diz ele, acrescentando que a NUIG vê a questão “seriamente” e que uma força tarefa foi criada para rever as práticas internas.

O Times volta ao tema na edição do dia seguinte (6/12/14) com um dos maiores textos da nossa amostra. Em uma reportagem de 70 linhas, assinada por Rosita Boland (que não voltará mais a figurar na cobertura), o jornal constrói uma narrativa engajada, a começar pelo título, que estampa “Micheline Sheehy Skeffington: ‘Eu venho de uma família de feministas. Eu comecei esse processo para honrá-las’”. O sub-título é igualmente explícito: “Acadêmica venceu ação no Tribunal de Igualdade contra seu antigo empregador, NUI Galway, por discriminação ao não promovê-la. Mulheres sabem porque ela iniciou o caso. ‘Homens não entendem’, diz ela”. Na reportagem, Micheline afirma que o enorme feedback posterior à divulgação da sentença a fez acreditar que foi capaz de “estabelecer um marco” potencialmente produtivo: “Meu caso agora está registrado, e pode ser mencionado no futuro por outras pessoas” (Times 6/12/14). Ela descreve a si mesma, e o jornal corrobora, como uma pessoa que não esbanja dinheiro, vive frugalmente é politicamente engajada: “Se eu vejo uma injustiça, tenho que fazer alguma coisa. Isso está nos meus genes” (idem). A construção da personagem heroica parece já consolidada e ela passa a colaborar para a criação de acontecimentos midiáticos, planejados para se tornarem notícias (Sousa, 2002).

Assim, entre o final de 2014 e o início de 2015 encontramos, por exemplo, matérias que ostentam os títulos: “Ex-Professora que recebeu €70 mil em caso por

²² As atuais tecnologias possibilitam ao jornalismo uma aferição praticamente em tempo real do interesse que a audiência demonstra pelos temas abordados e este é mais um fator condicionante da manutenção do assunto em pauta. A ampliação do noticiário acerca da temática de gênero nos jornais pesquisados indica que houve adesão do público. Mais do que nas edições impressas, isso é perceptível nos sites dos veículos.

discriminação de gênero convida colegas da universidade para aderir ao seu protesto” (Independent, 8/12/14); “Petição de Sheehy Skeffington demanda mais igualdade na NUIG” (Times, 8/12/14); “Manifestação por igualdade de gênero realizada na NUI Galway” (Times, 25/2/15). Enquanto acontecimentos forjados para ocuparem espaço na imprensa, estes relatos comportam o valor-notícia *conflito (reivindicação)* como preponderante. Ele está presente, como *disputa* (judicial), ainda nas matérias “Cinco professoras prestes a trazer a universidade à corte pelas promoções” (Independent 17/12/14)²³ e “Cinco acadêmicas iniciam ações legais sobre desigualdade de gênero contra NUI Galway” (Times, 17/12/14).

Pertinente destacar o papel de vários movimentos sociais – notadamente os dois sindicatos em atuação na universidade (Siptu e IFUT²⁴), a união de estudantes e os grupos feministas – desenvolvendo atividades em conjunto e mantendo a agenda em pauta pela perpetuação do *conflito*²⁵. Ao mesmo tempo, outras matérias se destacam no período evidenciando que a questão de gênero, colocada na pauta midiática pelo caso Sheehy Skeffington, passa a compor a agenda pública²⁶. O Times publica em 20/1/15 uma extensa reportagem (150 linhas), intitulada “Desequilíbrio de gênero na sala de aula – e por todo o percurso”, mapeando a desigualdade de gênero em várias etapas da educação irlandesa.

A cobertura jornalística da criação da Força Tarefa sobre Gênero estabelecida pela NUIG evidencia o acionamento, entre outros, do valor-notícia *repercussão*, na medida em que os jornais permanecem reverberando os acontecimentos na busca de seus resultados e/ou consequências. Pode-se considerar, ademais, que o *interesse* do público está mobilizado em torno do caso, até mesmo pela presença de autoridades nacionais e

²³ A foto que acompanha o texto mostra as cinco professoras, junto com Sheehy Skeffington, saindo de um prédio da universidade, caminhado juntas em uma atitude de força e determinação. Trata-se de uma das poucas imagens que oferta leitura mais positiva das mulheres envolvidas no caso.

²⁴ Siptu (Services, Industrial, Professional and Technical Union ou Sindicato de Profissionais e Técnicos do Serviço e da Indústria) e IFUT (Irish Federation of University Teachers ou Federação Irlandesa de Docentes Universitários).

²⁵ São exemplos: “Membros do Siptu na NUIG votam sobre auditoria para igualdade de cargos” (Times 11/12/14); “Siptu defende auditoria externa sobre equidade na NUI Galway” (Times 8/01/15); “Sociedades da NUIG apoiam campanha pela igualdade para professoras” (Times 20/01/15); “Membros do Siptu recomendados a boicotar a Força Tarefa de Gênero” (Times 24/03/15); “Sindicatos apoiam professoras de NUIG em ações legais sobre promoções” (Times 30/04/15); “Acordando, apoiadoras feministas dizem ‘mais uma coisa’” (Times 16/11/16).

²⁶ A hipótese da existência de uma relação causal entre a agenda midiática e a agenda pública foi sugerida por Walter Lippmann na década de 1920. O enunciado mais conhecido da chamada teoria do agendamento foi formulado por Cohen: “Embora a imprensa, na maioria das vezes possa não ser bem sucedida ao indicar às pessoas *como* pensar, é espantosamente eficaz ao dizer a seus leitores *sobre* o que pensar” (citado por McCombs e Shaw, 2000:49).

internacionais nos relatos jornalísticos, demonstrando o valor-notícia *proeminência*: “Ministra incita NUI Galway a assegurar ‘consulta apropriada’ sobre igualdade de gênero” (Times 9/4/15); “Geoghegan-Quinn [ex-comissária da União Europeia] vai liderar exame sobre igualdade de gênero no ensino superior” (Times 20/7/15).

O relatório inicial da Força Tarefa, divulgado ainda no final do primeiro semestre de 2015, e acatado “sem reservas” pela reitoria da NUIG, de acordo com os jornais, apresentou recomendações inovadoras no âmbito da educação superior irlandesa e recebeu o tratamento adequado aos valores-notícia *novidade* e *positividade*: “Reitor da NUIG diz que universidade está comprometida com igualdade de gênero” (Times 5/5/15); “Reitoria de NUI Galway ‘aceita plenamente’ as recomendações da Força Tarefa para Igualdade de Gênero” (Independent 23/6/15).

O descontentamento com o relatório, manifestado logo em seguida pelos movimentos sindical, estudantil e feminista, retomou o *conflito* como valor-notícia dominante na cobertura. Estes atores sociais demandavam maior autonomia para a força tarefa (cuja composição foi definida pela própria reitoria) e uma auditoria externa das promoções. A *disputa* se desdobrou em muitas notícias sobre divergências nas quais a universidade tentou controlar sua imagem pública, por exemplo ao exigir a retirada de informações de um blog considerado “difamatório” (Times 31/5/2106).

O relatório final da Força Tarefa sobre Gênero foi conhecido apenas na primavera de 2016 e, entre as 24 recomendações apresentadas, colocou em debate a questão de estabelecimento de cotas para garantir a presença de mulheres nos quadros superiores da universidade. Pela primeira vez um editorial trata do assunto, manifestando a opinião do Independent: “Esqueçam cotas de gênero simbólicas - vamos buscar igualdade verdadeira” (15/4/16). A postura é contrária às cotas, tidas como ‘discriminação positiva’ que podem levar à contratação “de qualquer mulher em um benefício de curta duração”.

Ao mesmo tempo em que acompanham a implementação das recomendações do relatório durante o restante do ano de 2016 e, em menor escala, em 2017, os jornais se voltam para noticiar dois outros aspectos: as tentativas de acordo envolvendo os processos judiciais das outras professoras discriminadas, e a questão das verbas de financiamento para as universidades que passarão a ser parcialmente condicionadas pelo respeito à equidade de gênero. Valores-notícia como *disputa*, *impacto*, *controvérsia* e *justiça*, aparecem, por exemplo, nestas matérias: “Juiz ordena audiência preliminar em caso de discriminação da NUIG” (Times 26/7/16); “Caso de discriminação de gênero na NUIG é

adiado visando conciliação” (Times 3/10/17); “Financiamento do ensino superior ligado a promoções femininas” (Independent 28/6/16).

No último período pesquisado, segundo semestre de 2017 e início de 2018, percebe-se a extensão das pautas sobre desigualdade de gênero, que extrapolam a NUIG e se ampliam para o debate em toda a educação irlandesa e em outros âmbitos, como a política e as artes. Ao mesmo tempo, evidencia-se um processo de espetacularização do feminismo através da criação de eventos midiáticos. Em fevereiro de 2018, por exemplo, Sheehy Skeffington chamou a atenção pública ao reencenar o protesto realizado por sua avó, em 1912, na luta pelo direito de voto para as mulheres. Vestindo roupas da época, e apoiada por coadjuvantes também a caráter, ela ‘quebrou’ os vidros do Castelo de Dublin e foi ‘presa’ pela polícia. A reportagem do Independent (7/2/18), com o título “Quebrando janelas depois de 100 anos... mas o teto de vidro continua resistente”, descreve que “uma multidão” assistiu à cena, mesmo estando afastada por motivos de segurança. Vídeos e fotos do evento ganharam farto espaço nas redes sociais e na mídia, que acionou, entre outros, os valores-notícias *violência*, *notoriedade* e *originalidade*. “Micheline fez uma moderna chamada à luta dizendo que as mulheres não têm igualdade de salários, representação na política ou em outras instituições”, diz o texto do Independent.

Uma semana depois, em 16/2/18, o caderno de imóveis do mesmo jornal aproveitou, com finalidade mercadológica, a *proeminência* da personagem ao publicar um amplo texto (52 linhas), com o título “Tempos de revolução em Rathmines: interior de um imóvel iluminado que tem um passado sufragista”. Referindo-se no título a um bairro de Dublin, a matéria discorria primeiramente sobre ex-moradores ilustres da vizinhança – a avó feminista e sua família –, descrevia as reformas empreendidas no imóvel e, ao final, anunciava o preço de venda: €850 mil²⁷.

Considerações Finais

Contestando a preponderância do conceito de ‘pós-feminismo’ nas pesquisas sobre conteúdo midiático, Jonathan Dean (2010:402) sugere que “atenuar o pressuposto

²⁷ A crítica elaborada por Alfred Markey (2014:65) sobre a linha editorial contemporânea do Times pode ser replicada para refletir sobre a postura oportunista do Independent. Ele lamenta o “grau em que toda o legado da Irlanda, sua diáspora e todo o complexo de ideias com seus elementos concorrentes, simbolismos diversificados e linguagens elevadas, que formaram o imaginário nacional e marcaram sua história, estão sendo brutalmente reduzidos aos prosaicos termos da contabilidade lucrativa”.

da marginalidade do discurso feminista poderia servir ao duplo propósito de, por um lado, possibilitar uma análise mais aprofundada e sutil do relacionamento entre feminismo e discursos *mainstream* sobre gênero, ao mesmo tempo em que, por outro lado, poderia oferecer novas possibilidades políticas”. Com base na análise de jornais ingleses ‘de qualidade’ – de acordo com sua própria classificação –, ele argumenta que a presença do feminismo na mídia impressa é muito mais ambígua do que uma simples negação.

Dean defende que o feminismo ocupa um espaço significativo na esfera pública contemporânea e que é necessário atentar para as maneiras como ele é afirmado e cooptado, e não apenas repudiado, nos discursos hegemônicos. Avançando o conceito de ‘domesticação’, ele põe em evidência a preponderante condenação do feminismo radicalizado dos anos 1970²⁸ como algo que, simultaneamente, limita e garante espaço para uma versão ‘moderada’ ou ‘menos excessiva’ do feminismo contemporâneo – na qual dimensões mais ameaçadoras e/ou transformadoras são amenizadas (Dean, 2010:393). Paradoxalmente, a análise dos valores-notícia que presidiram a cobertura do caso Sheehy Skeffington indicam que a criação, preservação e aprofundamento do *conflito* é (ainda) um dos principais recursos da prática feminista.

Por outro lado, a imagem recorrente da avó sufragista evidencia um processo de romantização ou espetacularização das táticas feministas. Quebrar vidros de repartições estatais é, atualmente, encenação apoiada tanto pelas autoridades públicas quanto pela mídia. Que as Sheehy-Skeffington tenham servido como valor-notícia para a venda de um imóvel é ilustrativo da potencial cooptação a que qualquer projeto contestador está sujeito em uma cultura de consumo que estetiza a política, não necessariamente politizando a estética (Benjamin, 1994). A operacionalização de uma ancestralidade mitificada está também diretamente relacionada com a própria consolidação do discurso jornalístico irlandês em bases nacionalistas no início do século XX. Ao mesmo tempo em que a inclusão de mulheres nesse repertório é fruto de décadas de trabalho de historiadoras feministas, é pertinente manter no horizonte analítico a potencial domesticação que tal dispositivo encerra.

De fato, ao estabilizar a imagem da heroína feminista como uma mulher branca, abnegada, com curso superior e cuja genealogia pode ser mapeada desde o pré-independência, o discurso jornalístico irlandês oculta o debate interseccional que tem

²⁸ Em nossa amostra não identificamos nenhuma menção ao feminismo dos anos 1970.

animado a teoria e a prática feminista contemporâneas. Como argumenta Kaitlynn Mendes (2012:565), “mulheres negras, mulheres mais velhas, mulheres lésbicas ou bissexuais, mulheres de cor e mulheres com deficiência foram quase totalmente ignoradas pela mídia *mainstream*. O feminismo, portanto, é *in absentia*, construído como irrelevante para elas, quando de fato são estas as mulheres mais estruturalmente marginalizadas”.

Críticas aos potenciais efeitos domesticadores da cobertura do caso Micheline Sheehy Skeffington não invalidam o fato de que o evento foi amplamente noticiado e que os jornais tiveram papel relevante na transformação do regime de gênero no ensino superior do país. Ao indagar sobre os critérios de noticiabilidade utilizados, foi nossa intenção participar na agenda proposta pelo Projeto Global de Monitoramento de Mídia (GMMP), cujo objetivo é “[r]edefinir o que conta como notícia [pois] os assim chamados ‘valores-notícia’, que determinam os critérios de noticiabilidade, deve ser re-avaliados e adequados às metas da década de 2010 [e, agora, 2020]” (GMMP, 2015:19). Neste sentido, é nossa esperança que o caso analisado possa servir como inspiração e recurso para outras mobilizações coletivas em prol da transformação social, consolidando um repertório jornalístico capaz de acolher as pautas e reivindicações feministas, tematizando gênero nas manchetes cotidianas.

Referências

- BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BORELLI, Viviane. Jornalismo como atividade produtora de sentidos. www.bocc.ubi.pt (2005) acesso em 26 de janeiro de 2016.
- DEAN, Jonathan. Feminism in the Papers, **Feminist Media Studies**, 10:4, 391-407, 2010.
- GMMP (GLOBAL MEDIA MONITORING PROJETO) **Who makes the News? Regional Report: Europe**. World Association for Christian Communication; UNWomen; UNESCO, 2015.
- GONCALVES, Eliane. Novas solteiras: ecos do feminismo na mídia Brasileira. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 142, p. 162-187, Apr. 2011.
- HEA (Higher Education Authority). **National Review of Gender Equality in Irish Higher Education Institutions**. Dublin, 2016.
- JEMANEH, Agaredech. **Representation of Gender and Gender Relations in Newspapers` Narratives: the Case of Ethiopia**. Dissertation. Faculty of Humanities, Social Sciences and Education. The Arctic University of Norway. October 2013.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular, 2001.
- MARKEY, Alfred. Throwing Media Shapes Online and the Public Sphere: “The Irish Times”, **Nordic Irish Studies**, Vol. 13:1, 57-75, 2014.
- MATEOS DE CABO, R., GIMENO, R., MARTÍNEZ, M., & LÓPEZ, L. Perpetuating Gender Inequality via the Internet? An Analysis of Women's Presence in Spanish Online Newspapers. **Sex Roles**. 70, 1-2, pp. 57-71, 2014.

-
- MCROBBIE, Angela. **The aftermath of feminism: gender, culture and social change**. London: Sage Publications, 2009.
- MENDES, Kaitlynn. ‘Feminism rules! Now, where’s my swimsuit?’ Re-evaluating feminist discourse in print media 1968–2008. **Media, Culture & Society**. 34. 554-570, 2012.
- _____. Reporting The Women's Movement, **Fem. Med. Stud.**, 11:4, 483-498, 2011.
- NUIG (National University of Ireland, Galway). **Gender Equality Action Plan**. Vice-President for Equality and Diversity, 2016.
- O’ BRIEN, Anne. “A fine old time”: feminist print journalism in the 1970s, **Irish Studies Review**, 25:1, 42-55, 2017.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des) compassos da cultura letrada brasileira. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 765-799, Dec. 2006.
- SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1995.
- SILVA, Gislene. Valores-notícia: atributos do acontecimento (para pensar critérios de noticiabilidade). **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** Disponível [http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/\(...\).pdf](http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/(...).pdf). Acesso em 10 jun. 2018.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argus, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.
- _____. **Teorias do Jornalismo**, v. I. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.
- ÚÍ FHAOLÁIN, Aoife. Language revival and conflicting identities in the Irish Independent, **Irish Studies Review**, 22:1, 63-79, 2014.
- WIKIPEDIA. *List of newspapers in the Republic of Ireland*, 2012.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.